



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

JÚLIA GODOI GONÇALVES DE OLIVEIRA

**A DESIGUALDADE DE GÊNERO NA IDENTIFICAÇÃO, REPRESENTAÇÃO E
DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM ALTAS HABILIDADES E
SUPERDOTAÇÃO**

Brasília
2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a...

À minha mãe, **Cláudia**, que sempre me mostrou, de todas as formas, que eu poderia conquistar tudo aquilo que eu pude imaginar. Seu amor foi o solo fértil onde minhas primeiras sementes de coragem puderam brotar. Em cada gesto, havia força, ternura e a certeza de que eu podia ir além.

Ao meu pai, **Léo**, que não apenas acreditou em todos os meus sonhos, mas os sonhou junto comigo, com leveza, presença e companheirismo, que sempre me sustentou, mesmo nos momentos mais incertos.

Aos dois, mãe e pai, agradeço por terem me dado uma infância de encantamento, onde o brincar, o aprender e o imaginar se entrelaçavam todos os dias. Foi nesse mundo mágico que nasceu minha paixão por educar.

Ao meu irmão, **Pedro**, que é e sempre será um dos maiores presentes da minha vida. Ser sua irmã mais velha foi, e ainda é, uma das experiências mais transformadoras que vivi. Crescer ao seu lado me ensinou sobre cuidado, responsabilidade e amor que transborda diariamente.

Às minhas avós, **Maria** e **Dulcely**, que me nutriram com sua força silenciosa, com histórias carregadas de sabedoria e com o tipo de amor que atravessa gerações.

Aos meus amigos e familiares, que, com seus gestos, palavras e segurança, construíram ao meu redor um espaço de acolhimento e confiança. Uma rede de afeto que tornou possível o voo, mesmo quando o céu parecia distante.

Este trabalho é também deles, de todos que me ensinaram, à sua maneira, a acreditar no poder do amor, da educação e da esperança.

Somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.

Paulo Freire

MEMORIAL

Desde muito cedo, desenvolvi um encantamento silencioso pela educação. Ainda sem compreender todas as suas dimensões, percebia em mim o despertar de um olhar sensível diante dos processos de ensinar e aprender. A escola, mais do que espaço de conteúdos, era para mim lugar de encontros, com o outro e comigo mesma. A cada novo ano, fui esboçando o desejo de ser presença na vida das pessoas, de exercer um papel transformador no mundo.

Foi no terceiro ano do ensino médio que experimentei uma epifania que marcou meu caminho. De maneira súbita, senti com clareza que minha vocação era a educação. Essa certeza não veio da razão, mas de uma escuta profunda de mim mesma. Foi a partir desse momento que iniciei minha trajetória na Universidade de Brasília, aos 16 anos, com o coração aberto e os olhos atentos.

Desde o primeiro dia na UnB, compreendi que havia encontrado o meu lugar. A universidade, com seus debates, lutas, silêncios e resistências, me mostrou que educar é, antes de tudo, um ato político. Aprendi que cada escolha pedagógica carrega uma visão de mundo, e que o ato de ensinar é também uma forma de intervir na realidade, de dialogar com o presente e de sonhar futuros possíveis.

A experiência em escolas foi o que mais me marcou. Foram quatro anos de vivência que me atravessaram por dentro. O convívio com as crianças, suas perguntas curiosas, suas dores e descobertas, remodelaram minha alma, minha sensibilidade, minha escuta. Ali, no chão da escola, entendi o sentido mais profundo do que é educar: reconhecer o outro como sujeito de saber, respeitar seus tempos e contextos, e caminhar ao seu lado na construção do conhecimento.

Fazer e viver a Pedagogia me permitiu criar um olhar muito mais delicado, atento e belo frente ao mundo. Independente dos desafios, é profundamente encantador compartilhar a vida com as crianças e colegas que conheci na trajetória. O coração permanece aquecido, mesmo nos dias de maior cansaço. E é nesse calor silencioso que a esperança se sustenta. Que todos os dias possamos viver a vida com olhos brilhantes de crianças, mesmo que o mundo insista em nos endurecer.

A docência, para mim, tornou-se prática de afeto, resistência e transformação. Aprendi que o

verdadeiro educador não impõe, mas propõe; não fala para o outro, mas com o outro. A escuta passou a ser uma das minhas ferramentas mais importantes. Compreendi que transformar a educação exige, antes de tudo, disposição para transformar a si mesmo.

Durante esse percurso, precisei abandonar antigas versões de mim. Tornei-me mais paciente, mais crítica, mais aberta à escuta e ao diálogo. Aprendi que ensinar é um gesto de humildade, de generosidade, de entrega. Que educar é criar espaços de liberdade onde cada sujeito possa reconhecer-se como autor da própria história.

Concluo este memorial com a consciência de que minha formação está em constante construção. A educação não se encerra em diplomas, mas se renova no cotidiano da prática. Levo da UnB muito mais que conteúdos: levo uma ética, uma política, uma escolha de vida.

A educação me escolheu. E eu, por convicção e por amor, escolhi permanecer. Permanecer como uma semente de esperança em tempos de incerteza. Permanecer como alguém que acredita no poder do diálogo, da escuta, da ternura e da crítica. Permanecer, sobretudo, como alguém que insiste em ver o mundo com olhos de criança: curiosos, sensíveis e vivos.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso investiga a complexa relação entre desigualdade de gênero e o campo das altas habilidades/superdotação, com foco na invisibilidade e sub-representação feminina. O estudo contextualiza a problemática da superdotação em meninas, argumentando que fatores socioculturais, educacionais e emocionais, somados a uma perspectiva de gênero e interseccionalidade (considerando raça, classe e deficiência), influenciam significativamente tanto os processos de identificação quanto o desenvolvimento acadêmico e profissional das meninas com altas habilidades. A metodologia empregada consistiu em uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa e abordagem crítico-interpretativa, que analisou a literatura sobre superdotação sob as lentes dos vieses de gênero, a construção social da inteligência e o impacto da representatividade feminina. Metodologicamente foi realizada uma revisão bibliográfica com abordagem crítico-interpretativa com o intuito de focar na análise do gênero como marcador para a identificação de altas habilidades. O objetivo central foi analisar como a produção acadêmica no estudo sobre altas habilidades/superdotação trata a questão da identificação sob uma perspectiva de gênero e interseccionalidade. Os resultados apontam para a persistência de estereótipos na identificação, o desafio do "medo do sucesso" e da ausência de modelos femininos, e a necessidade urgente de estratégias que promovam um ambiente mais equitativo. Conclui-se que a superação da desigualdade de gênero na superdotação exige uma reformulação dos critérios de identificação, capacitação de professores, fortalecimento da representatividade e a implementação de políticas públicas com um olhar interseccional, visando garantir que o potencial de todas as meninas seja plenamente reconhecido e desenvolvido, contribuindo para uma sociedade mais justa e inovadora.

Palavras-chave: Altas Habilidades; Superdotação; Gênero; Interseccionalidade; Inclusão.

ABSTRACT

This Capstone Project investigates the complex relationship between gender inequality and the field of high abilities/giftedness, focusing on the invisibility and underrepresentation of females. The study contextualizes the challenges of giftedness in girls, arguing that sociocultural, educational, and emotional factors, coupled with a gender and intersectional perspective (considering race, class, and disability), significantly influence both the identification processes and the academic and professional development of girls with high abilities. The methodology employed was a qualitative bibliographic review with a critical-interpretive approach, analyzing the literature on giftedness through the lens of gender biases, the social construction of intelligence, and the impact of female representation. Methodologically, a critical-interpretive bibliographic review was conducted to focus on analyzing gender as a marker for the identification of high abilities. The central objective was to analyze how academic production in the study of high abilities/giftedness addresses the issue of identification from a gender and intersectional perspective. The results point to the persistence of stereotypes in identification, the challenge of "fear of success" and the absence of female role models, and the urgent need for strategies that promote a more equitable environment. It is concluded that overcoming gender inequality in giftedness requires a reformulation of identification criteria, teacher training, strengthening representation, and the implementation of public policies with an intersectional perspective, aiming to ensure that the potential of all girls is fully recognized and developed, contributing to a more just and innovative society.

Keywords: High Abilities; Giftedness; Gender; Intersectionality; Inclusion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. CONCEITOS FUNDAMENTAIS	15
2. METODOLOGIA: ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA CRÍTICA E INTERSECCIONAL SOBRE GÊNERO E SUPERDOTAÇÃO.....	19
2.1. Natureza e Abordagem da Pesquisa.....	19
2.2. Procedimentos de Busca e Seleção dos Artigos.....	19
2.3. Análise Crítica da Literatura: Dimensões de Gênero e Interseccionalidade.....	20
2.4. Limitações e Contribuições da Pesquisa	22
3. DESIGUALDADE DE GÊNERO E EDUCAÇÃO	24
3.1 Estereótipos de Gênero e a Produção do Conhecimento em STEM	26
4. IDENTIFICAÇÃO DE CRIANÇAS SUPERDOTADAS E O IMPACTO DO GÊNERO	28
4.1 Os Processos Tradicionais de Identificação e Seus Limites	28
4.2 Vieses de Gênero na Percepção e Expressão da Superdotação.....	29
4.3 Consequências da Subidentificação e a Necessidade de Novos Paradigmas ..	30
5. REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO EM ÁREAS DE CONHECIMENTO E PROFISSÕES: O SILENCIAMENTO DAS MÚLTIPLAS MENINAS.....	31
5.1 A Universalização da Experiência Feminina e a Perspectiva Interseccional.....	31
5.2 O Capacitismo e o Apagamento de Múltiplas Inteligências	32
5.3 Estereótipos, Referências e o Silenciamento em STEM e Outras Áreas	32
6. DESENVOLVIMENTO E BARREIRAS PARA CRIANÇAS SUPERDOTADAS	35
6.1 O Cenário de Desenvolvimento e as Primeiras Disparidades de Gênero	35
6.2 Impactos Psicológicos e Socioemocionais: A Síndrome do Impostor e a Pressão Social	35
6.3 Barreiras Familiares e as Aspirações Futuras	36
6.4 Subdesempenho Acadêmico e a Necessidade de Apoio Integrado.....	37
7. ESTRATÉGIAS PARA REDUZIR O IMPACTO DA DESIGUALDADE DE GÊNERO	39
7.1. Reformulação dos Critérios e Processos de Identificação Inclusivos.....	39
7.2. Capacitação de Professores e Práticas Pedagógicas Equitativas	39
7.3. Fortalecimento da Representatividade e Mentoria Feminina.....	40
7.4. Engajamento Familiar e o Papel das Políticas Públicas.....	41
7.5. Um Chamado à Ação por uma Educação Inclusiva.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

A identificação e o desenvolvimento de crianças com altas habilidades e superdotação têm sido objeto de diversas pesquisas no campo da educação e da psicologia, dada a necessidade de compreender e atender as demandas específicas desse grupo de estudantes. O reconhecimento e o estímulo do potencial individual são cruciais para o florescimento de talentos que podem impulsionar o avanço da sociedade em diversas áreas do conhecimento. Entretanto, quando analisada sob a perspectiva de gênero, a superdotação revela desafios estruturais que contribuem para a sub-representação feminina nos programas de atendimento a alunos superdotados. Esse fenômeno ocorre devido a uma série de fatores socioculturais, educacionais e emocionais que influenciam tanto a identificação quanto o desenvolvimento acadêmico e profissional dessas crianças.

Contudo, a categoria "menina" é vasta e heterogênea, e as experiências de sub-representação e invisibilidade no contexto das altas habilidades são profundamente moldadas por interseções com raça, classe social e deficiência. Uma menina negra e periférica, ou uma menina com deficiência, por exemplo, enfrenta desafios adicionais que podem obscurecer ainda mais o reconhecimento de seu talento, extrapolando a análise exclusiva do gênero. Este trabalho busca, portanto, ir além da perspectiva universalizante, reconhecendo a diversidade de realidades e as múltiplas barreiras enfrentadas por essas estudantes, que se veem silenciadas mesmo quando seu talento é evidente ou potencialmente reconhecível.

A construção social da inteligência e do talento sempre esteve atrelada a concepções de gênero. Historicamente, a genialidade foi atribuída majoritariamente a figuras masculinas, enquanto as mulheres foram direcionadas a papéis sociais que enfatizam habilidades emocionais, relacionais e de cuidado (PÉREZ; FREITAS, 2012). Esse viés cultural ainda persiste em diferentes formas, influenciando a maneira como o potencial das meninas é percebido no ambiente escolar. Conforme aponta Neumann (2018, p.66), “as próprias professoras não identificam o potencial intelectual elevado das meninas e elas são vistas como dóceis, carinhosas e comportadas”. Essa distinção reforça um sistema que valoriza certas características em detrimento de outras, impactando diretamente o encaminhamento de estudantes para programas de altas habilidades.

A questão da representatividade é central nesse debate. Como apontam Mochi e Maio (2014), a baixa visibilidade de mulheres em posições de prestígio intelectual contribui para a

perpetuação da ideia de que a superdotação é predominantemente masculina. Esse cenário pode ser observado na disparidade de gênero em prêmios acadêmicos e reconhecimentos científicos, nos quais as mulheres historicamente representam uma minoria política. Essa lacuna na representatividade reforça a necessidade de reavaliar os critérios utilizados para identificar a superdotação, garantindo que meninas com alto potencial tenham as mesmas oportunidades de desenvolvimento que seus colegas do sexo masculino.

Outro fator que merece destaque é a relação entre gênero e a percepção da inteligência. Pesquisas apontam que, desde a infância, meninos e meninas já absorvem ideias sobre quais características são mais valorizadas em cada gênero. Um estudo realizado por Batista (2017) revelou que, a partir dos seis anos de idade, meninas começam a associar a genialidade a figuras masculinas, o que pode influenciar suas aspirações acadêmicas e profissionais. Essa construção social pode ser um dos motivos pelos quais meninas superdotadas não apenas são menos identificadas, mas também apresentam uma menor autoestima acadêmica em relação aos meninos.

Além do viés de gênero na identificação, meninas superdotadas enfrentam um fenômeno conhecido como “medo do sucesso”, no qual internalizam a ideia de que se destacar excessivamente pode ser socialmente indesejável. Esse fator se soma à ausência de modelos femininos em áreas como ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM), o que contribui para um efeito de desestímulo entre meninas que poderiam se destacar nesses campos. Wechsler (2015) destaca que:

“o medo do sucesso, o sentimento de engano e o complexo de Cinderela” como as principais barreiras internas enfrentadas pela mulher. Este último, também conhecido por “desejo de ser salva”, é descrito como “uma necessidade, desde muito cedo cultivada na mulher, de ser cuidada por alguém [...], de ser salva” (Wechsler, 2015, p.109)

Diante desse contexto, este estudo tem como objetivo geral:

Analisar criticamente a literatura acadêmica sobre a relação entre gênero e superdotação, com foco na invisibilidade e sub-representação feminina, e propor estratégias para um reconhecimento e desenvolvimento mais equitativo e inclusivo.

Para alcançar este objetivo geral, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- Discutir os conceitos de altas habilidades/superdotação e os métodos de identificação, analisando suas implicações de gênero.
- Examinar como está presente nos artigos a influência dos estereótipos de gênero e de

vieses sociais na identificação e no desenvolvimento de meninas superdotadas.

- Analisar como o gênero é representado em diversas áreas do conhecimento e profissões, com foco no silenciamento das múltiplas identidades femininas.
- Identificar como os artigos abordam as principais barreiras e desafios enfrentados pelas crianças superdotadas, especialmente as meninas, no seu desenvolvimento socioemocional e acadêmico.
- Identificar como os artigos propõem estratégias e recomendações para mitigar o impacto da desigualdade de gênero na educação de crianças com altas habilidades, com uma perspectiva interseccional.

A metodologia adotada neste trabalho consistiu em uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa, com abordagem crítico-interpretativa, baseada na análise de artigos científicos, dissertações, teses e documentos educacionais que abordam a interseção entre gênero e superdotação. Foram consultadas bases de dados científicas como SciELO, Google Scholar, Periódicos CAPES, Scopus e Web of Science, utilizando descritores que abrangessem as temáticas de superdotação, gênero e interseccionalidade. A abordagem qualitativa permitiu uma reflexão crítica sobre os mecanismos que perpetuam a desigualdade de gênero no reconhecimento do talento e forneceu subsídios para a formulação de práticas mais inclusivas na educação.

O presente trabalho está estruturado em sete capítulos, além da Introdução e das Considerações Finais. O Capítulo 1, “Conceitos Fundamentais”, apresenta as principais noções que sustentam a discussão ao longo do trabalho, como gênero, desigualdade, interseccionalidade e superdotação, construindo a base teórica necessária para compreender a complexidade do tema. O Capítulo 2, “Metodologia: Análise Bibliográfica Crítica e Interseccional sobre Gênero e Superdotação”, descreve a natureza e a abordagem da pesquisa, detalha os procedimentos de busca e seleção dos artigos e apresenta a análise crítica da literatura sob uma perspectiva interseccional, além de reconhecer as limitações e contribuições da pesquisa. O Capítulo 3, “Desigualdade de Gênero e Educação”, discute o papel dos estereótipos de gênero na construção do conhecimento e na trajetória educacional de meninas e mulheres, com especial atenção às áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM). O Capítulo 4, “Identificação de Crianças Superdotadas e o Impacto do Gênero”, aprofunda-se nos limites dos processos tradicionais de identificação da superdotação e nos vieses que favorecem a sub-representação de meninas, discutindo a necessidade de paradigmas mais inclusivos. O Capítulo 5, “Representação de Gênero em Áreas de Conhecimento e Profissões: O

Silenciamento das Múltiplas Meninas”, analisa como a experiência feminina é universalizada, apagando diferenças marcadas por raça, classe, deficiência e outras intersecções. Também discute o capacitismo, o apagamento de múltiplas inteligências e a ausência de referências femininas em diferentes áreas do conhecimento. O Capítulo 6, “Desenvolvimento e Barreiras para Crianças Superdotadas”, aborda os obstáculos enfrentados por essas crianças desde os primeiros anos, com foco nas disparidades de gênero, nos impactos psicológicos e socioemocionais, nas barreiras familiares e no subdesempenho acadêmico, evidenciando a necessidade de um apoio integrado. O Capítulo 7, “Estratégias para Reduzir o Impacto da Desigualdade de Gênero”, propõe ações concretas para transformar os processos de identificação da superdotação, promover práticas pedagógicas equitativas, fortalecer a representatividade feminina, engajar as famílias e mobilizar políticas públicas em prol de uma educação mais inclusiva. Por fim, as Considerações Finais retomam os principais achados da pesquisa, reafirmam a urgência de uma abordagem interseccional na identificação e no desenvolvimento de crianças superdotadas e apontam caminhos para futuras investigações e práticas educacionais transformadoras.

Espera-se que este estudo contribua para o avanço das discussões sobre gênero e superdotação, promovendo um olhar mais atento para a necessidade de equidade na identificação e no suporte a meninas com altas habilidades. Dessa forma, esta pesquisa busca reforçar a importância de um ambiente educacional que valorize e incentive o talento feminino, garantindo que meninas superdotadas possam desenvolver plenamente seu potencial e ocupar espaços de destaque na sociedade.

1. CONCEITOS FUNDAMENTAIS

A compreensão das altas habilidades e superdotação tem sido objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento, como psicologia, pedagogia e neurociências. O conceito evoluiu significativamente ao longo do tempo, passando de uma visão estritamente baseada em testes de quociente de inteligência para um modelo mais amplo, que considera fatores como criatividade, motivação e habilidades socioemocionais. A evolução dessa definição permitiu um olhar mais inclusivo sobre a superdotação, reconhecendo que ela pode se manifestar de diferentes formas e em distintos contextos. No entanto, apesar dos avanços na literatura, a identificação e o atendimento de alunos superdotados ainda apresentam desafios, especialmente quando analisados sob a perspectiva de gênero. A forma como as altas habilidades são reconhecidas pode ser influenciada por fatores socioculturais, resultando em uma sub-representação feminina nos programas de atendimento especializado.

Historicamente, a superdotação foi compreendida como um traço fixo e hereditário, sendo mensurada exclusivamente por meio de testes psicométricos. Lewis Terman (1916), um dos pioneiros nos estudos sobre superdotação, defendeu que indivíduos com QI superior a 130 possuíam maior probabilidade de alcançar sucesso acadêmico e profissional. Essa visão reducionista predominou por décadas, associando a inteligência a uma métrica numérica e desconsiderando outros aspectos do desenvolvimento humano. No entanto, essa perspectiva começou a ser questionada à medida que novas pesquisas demonstraram que a superdotação vai além da capacidade intelectual medida por testes padronizados. Renzulli (2004) propôs um modelo mais dinâmico ao afirmar que a superdotação não deve ser definida apenas pelo alto desempenho acadêmico, mas sim pela interseção entre habilidades acima da média, criatividade e envolvimento com a tarefa. Segundo o autor essa abordagem trouxe uma visão mais abrangente da superdotação, permitindo que diferentes perfis de alunos fossem reconhecidos:

este diagrama pretendia transmitir graficamente as propriedades dinâmicas do conceito; ou seja, aquelas propriedades de movimento, interação, mudança e energias contínuas e não um estado fixo e estático (REZULLI, 2004, p. 84).

Outro modelo amplamente aceito é a Teoria das Inteligências Múltiplas, desenvolvida por Howard Gardner. Essa teoria revolucionou a forma como a inteligência é compreendida, desafiando a ideia de que ela pode ser reduzida a um único fator mensurável (GARDNER, 1995). Gardner (1995) identificou diferentes tipos de inteligência, como linguística, lógico-matemática, musical, espacial, interpessoal e intrapessoal, demonstrando que a superdotação

pode se manifestar em diversas áreas. Essa abordagem contribuiu para uma compreensão mais ampla das altas habilidades, permitindo que talentos fossem identificados para além das métricas tradicionais de desempenho acadêmico.

No Brasil, o Ministério da Educação adota uma definição ampliada de superdotação, reconhecendo que alunos superdotados são aqueles que apresentam desempenho significativamente superior em qualquer área do conhecimento, podendo manifestar sua inteligência de forma acadêmica, artística, social ou motora. Essa concepção multidimensional reforça a importância de ampliar os critérios de identificação, garantindo que alunos superdotados sejam reconhecidos independentemente da forma como expressam suas habilidades. Além disso, é fundamental distinguir os conceitos de talento, superdotação e altas habilidades. Embora sejam frequentemente utilizados como sinônimos, esses termos possuem diferenças conceituais importantes.

O modelo proposto por Gagné (2000) diferencia essas noções ao sugerir que a superdotação refere-se ao potencial bruto de um indivíduo, enquanto o talento representa a manifestação desse potencial em uma área específica. O autor explica que a superdotação pode ser considerada uma predisposição para um alto desempenho, enquanto o talento é o resultado do desenvolvimento dessa capacidade por meio de estímulos e oportunidades (GAGNÉ, 2000). Dessa forma, a superdotação está relacionada a características cognitivas amplas, enquanto o talento pode ser desenvolvido ao longo do tempo, por meio da prática e da exposição a diferentes estímulos.

Embora esses modelos (Renzulli, Gardner, Gagné) tenham representado avanços significativos ao ampliar a compreensão da superdotação para além do QI unifatorial de Terman, é fundamental tensionar seus limites e pressupostos sob uma perspectiva crítica, especialmente a feminista. Historicamente concebidos em contextos que não questionavam as estruturas de poder de gênero, raça e classe, esses modelos podem inadvertidamente perpetuar uma visão de "inteligência" e "talento" que se alinha com padrões patriarcais e eurocêntricos. Questões cruciais emergem: Qual a crítica feminista à própria concepção de "talento"? A que tipo de inteligência esses modelos continuam atrelados, e quais saberes ficam de fora de suas métricas?

O conceito de genialidade, em particular, ainda carrega fortemente as marcas de uma construção social que historicamente o associa ao masculino e ao ocidental. Portanto, torna-se imperativo questionar quem mensura, quem detém o poder de definir o que é ser inteligente e quais critérios de superdotação são valorizados, para que a cultura escolar reconheça a inteligência de forma equânime para todas as meninas, incluindo as negras e periféricas.

Como aponta Sandra Harding (1996) em sua análise sobre a ciência e o feminismo, a produção do saber nunca é neutra, mas sim atravessada por vieses sociais e culturais que definem o que é considerado conhecimento válido e quem é reconhecido como "sábio". Essa perspectiva é complementada por Londa Schiebinger (2004), que demonstra como o feminismo tem transformado a própria forma de se fazer ciência, revelando como a ausência de um olhar crítico perpetua a invisibilidade de certas subjetividades e capacidades.

No contexto brasileiro, autoras como Carla Akotirene (2019) e Djamila Ribeiro (2018) reforçam a importância da interseccionalidade, destacando que a invisibilidade de meninas com altas habilidades é multifacetada, sendo agravada quando se cruzam os marcadores de gênero, raça e classe social. Essas pensadoras nos convidam a questionar os critérios de superdotação e a buscar formas de reconhecimento que considerem a diversidade de realidades e saberes que emergem para além dos modelos dominantes.

Angela Virgolim reforça essa perspectiva ao afirmar que a superdotação deve ser entendida como um fenômeno multifatorial, influenciado por fatores genéticos, ambientais e motivacionais. Para a autora, "Embora focalizando nossa atenção em pessoas extraordinárias, é nosso dever enquanto pais e educadores favorecer a expressão das potencialidades únicas de nossos filhos e alunos, por meio de um ambiente de suporte e estimulação" (VIRGOLIM, 2007, p. 29).

Essa visão reforça a importância de um ambiente escolar estimulante, que permita que alunos superdotados tenham acesso a desafios compatíveis com suas habilidades e interesses. No entanto, a identificação de crianças superdotadas ainda enfrenta obstáculos, especialmente devido a fatores culturais e sociais que influenciam a percepção de educadores e familiares. As crianças superdotadas compartilham uma série de características que as diferenciam de seus pares, tanto no aspecto cognitivo quanto no emocional e comportamental. No entanto, essas características podem se manifestar de maneiras distintas, o que pode dificultar sua identificação, especialmente entre as meninas.

Renzulli (2004) aponta que crianças superdotadas tendem a apresentar aprendizagem acelerada, curiosidade intensa, criatividade elevada, forte senso de justiça e autonomia na aprendizagem. Essas características, embora sejam vantajosas em muitos aspectos, também podem gerar desafios no ambiente escolar. Como observa Virgolim, "pessoas com altas habilidades podem exibir comportamentos sociais desajustados, hostilidade, agressão, baixo autoconceito, insegurança, frustração, raiva e sentimentos de inadequação" (VIRGOLIM, 2021, p. 1).

Muitas dessas crianças enfrentam problemas de desmotivação escolar, pois sentem que

o conteúdo das aulas não é desafiador o suficiente para seu nível cognitivo. Esse cenário pode ser agravado pelo fato de que algumas crianças superdotadas apresentam dificuldades no desenvolvimento de habilidades sociais, preferindo interações com adultos ou com alunos mais velhos.

A questão de gênero também desempenha um papel fundamental na forma como as características das crianças superdotadas são percebidas. Estudos demonstram que meninos e meninas podem expressar suas capacidades de maneiras distintas, o que influencia a percepção de professores e familiares. Neumann (2018) aponta que professores tendem a reconhecer mais facilmente o talento dos meninos, pois associam a superdotação a comportamentos como liderança e independência, enquanto as meninas são vistas como esforçadas e organizadas.

Esse viés pode resultar na falta de indicação de meninas superdotadas para programas especializados, comprometendo seu desenvolvimento acadêmico e profissional. Como ressalta Wechsler muitas meninas com altas habilidades acabam se adequando às expectativas sociais, deixando de demonstrar abertamente sua inteligência para evitar julgamentos (WECHSLER, 2015).

Dessa forma, compreender as características das crianças superdotadas e como elas se manifestam em diferentes gêneros é essencial para garantir que nenhum aluno com alto potencial seja negligenciado. Como destaca Ogeda, Pedro e Chacon:

Os estudos encontrados e discutidos revelam, de maneira geral, que aspectos culturais e sociais são fatores que dificultam a identificação e avaliação de estudantes superdotadas.(OGEDA; PEDRO E CHACON, 2016, p.228).

Ao considerar esses fatores, torna-se possível construir um ambiente educacional que reconheça e valorize a diversidade de perfis entre os alunos superdotados, garantindo que todos tenham acesso a oportunidades compatíveis com seu potencial.

2. METODOLOGIA: ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA CRÍTICA E INTERSECCIONAL SOBRE GÊNERO E SUPERDOTAÇÃO

2.1. Natureza e Abordagem da Pesquisa

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica com abordagem crítico-interpretativa com o intuito de focar na análise do gênero como marcador para a identificação de altas habilidades. O objetivo central é analisar como a produção acadêmica no estudo sobre altas habilidades/superdotação trata a questão da identificação sob uma perspectiva de gênero e interseccionalidade. Assim, este estudo busca desvelar como a desigualdade de gênero, em suas múltiplas facetas, influencia a identificação, representação e desenvolvimento de crianças com alto potencial.

A escolha por essa metodologia justifica-se pela necessidade de aprofundar a compreensão das lacunas, vieses e naturalizações presentes na literatura científica. Esta abordagem permite ir além da mera compilação de dados, possibilitando a problematização das narrativas dominantes e a construção de um olhar mais complexo sobre a invisibilidade feminina e das 'múltiplas meninas' no campo das altas habilidades, um tema ainda insuficientemente explorado de forma crítica no contexto brasileiro.

2.2. Procedimentos de Busca e Seleção dos Artigos

A pesquisa bibliográfica foi conduzida de forma sistemática em bases de dados científicas de relevância nacional e internacional, incluindo: SciELO (Scientific Electronic Library Online), Google Scholar e Periódicos CAPES, além de livros brasileiros que abordassem o tema AH/SD. A escolha dessas plataformas visou garantir abrangência e acesso a publicações de alto impacto e relevância acadêmica.

Foram utilizadas combinações estratégicas de descritores (palavras-chave) em português e inglês, a fim de maximizar a recuperação de artigos pertinentes. Os termos de busca abrangeram:

- Para altas habilidades/superdotação: "altas habilidades", "superdotação", "talento", "gifted education", "giftedness".
- Para gênero e suas dimensões: "gênero", "meninas superdotadas", "mulheres na ciência", "gender", "girls gifted", "women in STEM".
- Para a perspectiva crítica e social: "interseccionalidade", "identificação",

"educação inclusiva", "capacitismo", "racismo na educação", "feminismo e ciência", "stereotypes", "bias".

Os critérios de inclusão para a seleção dos materiais foram: artigos científicos publicados em periódicos com revisão por pares, teses, dissertações e capítulos de livros que abordassem diretamente a temática da superdotação e sua intrínseca relação com o gênero e suas interseccionalidades. Priorizou-se o contexto brasileiro quando disponível, mas também foram incluídos estudos internacionais que oferecessem contribuições teóricas e empíricas robustas para a discussão. A temporalidade da busca foi flexível, não impondo restrição inicial por ano de publicação. Isso permitiu a análise da evolução histórica do conceito de superdotação e sua problematização em relação ao gênero desde as primeiras discussões até as abordagens mais contemporâneas, possibilitando uma análise diacrônica relevante para a pesquisa.

A Tabela 1 apresenta uma síntese dos resultados encontrados nas plataformas pesquisadas, com a distinção entre artigos totais e publicações brasileiras. O levantamento revelou a escassez de estudos nacionais voltados à interseccionalidade em contextos de superdotação, especialmente em bases mais consolidadas.

Tabela 1 – Resultados aproximados da busca por base de dados

Base de Dados	Termos combinados	Artigos encontrados	Artigos brasileiros	Observações
SciELO	“Superdotação” + “Gênero” + “Interseccionalidade”	~ 20	2–3	Produção brasileira ainda incipiente
CAPES Periódicos	“Superdotação” + “Gênero” + “Interseccionalidade”	~ 80	~ 5	Os estudos recentes são mais voltados à educação especial

Google Scholar	“Superdotação” + “Gênero” + “Interseccionalidade”	~ 1.000	~ 20	Inclui teses e dissertações; Da perspectiva interseccional alinhada com AH/SD encontrei apenas 1 texto.
-----------------------	---	---------	------	---

Fonte: levantamento próprio.

2.3. Análise Crítica da Literatura: Dimensões de Gênero e Interseccionalidade

A análise dos artigos selecionados foi pautada por um roteiro, desenhado para desvelar as nuances da abordagem da superdotação sob as lentes de gênero e interseccionalidade. Os principais eixos de análise foram:

- **Abordagem Conceitual das Altas Habilidades:** Investigou-se como os estudos conceituam a superdotação, observando se adotam uma perspectiva predominantemente psicométrica (centrada no Quociente de Inteligência - QI) ou se incorporam modelos mais ampliados e multidimensionais, como a Teoria dos Três Anéis de Renzulli (2004) e a Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner (1995). Buscou-se identificar se os artigos problematizam a universalidade e a validade dos instrumentos e critérios de identificação, apontando para sua potencial exclusão de perfis diversos e de talentos que emergem de outras racionalidades.
- **Problematização da Questão de Gênero na Identificação:** Analisou-se a profundidade com que a variável gênero é tratada nos processos de identificação. Verificou-se se a persistente presença majoritária de meninos identificados como superdotados, e se é meramente descrita e naturalizada ou se é investigada como um reflexo de vieses sociais, culturais e educacionais inerentes aos sistemas de identificação. Deu-se atenção especial à presença de discussões sobre a 'síndrome do impostor' e a pressão social para a conformidade feminina, conforme abordado por autores como Wechsler (2015) e Virgolim (2007), que descrevem a autossabotagem e a camuflagem de habilidades por parte das

meninas.

- **Perspectiva Interseccional na Análise:** Um eixo central da análise foi a busca por estudos que explorassem as intersecções de gênero com outros marcadores sociais. Verificou-se se a literatura reconhece e aborda como a invisibilidade do talento feminino é amplificada para meninas negras (conforme as discussões de Nilma Lino Gomes), indígenas, periféricas, com deficiência (analisando o capacitismo na educação), ou trans. Investigou-se se os estudos utilizam e se alinham a conceitos propostos por autoras como Carla Akotirene (2019) e Djamila Ribeiro (2017), que evidenciam a complexidade das opressões múltiplas e simultâneas.
- **Análise Temporal da Relação Gênero e QI/Superdotação:** Realizou-se uma pesquisa temporal específica para identificar o período em que a relação entre gênero e QI/superdotação começou a ser questionada na literatura acadêmica. O levantamento buscou quantificar quantos artigos, desde o surgimento do conceito de superdotação, investigaram diretamente a relação entre a identificação e a questão de gênero, mapeando tendências e lacunas históricas na pesquisa.
- **Temas Relacionados e o Estudo de Altas Habilidades:** Foram mapeados os temas mais relevantes que surgiram ao longo do tempo no estudo sobre altas habilidades, especialmente aqueles que se relacionam com as dimensões de gênero e interseccionalidade. Isso incluiu a análise de pesquisas sobre a formação docente e sua capacidade de identificar talentos diversos (com base em Gatti), o currículo escolar (se e como ele reforça estereótipos), políticas públicas (como o programa 'Meninas na Ciência' da Fiocruz ou o 'Meninas Velozes' da UnB/IFB), e a promoção de uma educação antissexista (Guacira Lopes Louro). Investigou-se também a presença de análises críticas de materiais didáticos utilizados em programas de altas habilidades, buscando identificar vieses implícitos ou explícitos.
- **O Enigma da Invisibilidade Feminina Reconhecida:** A análise de cada artigo buscou, persistentemente, responder à pergunta central que permeia este trabalho: "Por que algumas meninas com altas habilidades continuam sendo invisibilizadas mesmo em ambientes que propõem valorização do talento? Elas já têm talento, já está reconhecido e mesmo assim insistem em ignorar isso?". Este questionamento guiou a leitura minuciosa, buscando evidências que

demonstrassem como o silenciamento não é uma ausência de talento, mas sim o resultado de barreiras sistêmicas e internalizadas, que impedem o florescimento pleno do potencial feminino.

2.4. Limitações e Contribuições da Pesquisa

A principal limitação metodológica deste estudo reside na natureza da revisão bibliográfica, que se baseia exclusivamente na literatura já produzida e disponível. A ausência de estudos que abordem de forma aprofundada e empírica todas as camadas das interseccionalidades no contexto específico da superdotação brasileira pode ser um desafio na densidade de algumas análises. Contudo, a abordagem crítico-interpretativa empregada, aliada à busca por evidências indiretas ou implícitas na literatura, permite traçar um panorama relevante e inovador para a compreensão do problema.

As contribuições desta pesquisa são múltiplas. Ao sistematizar e analisar criticamente a literatura sobre gênero e superdotação a partir de uma perspectiva interseccional, o estudo oferece um panorama atualizado das barreiras e desafios enfrentados pelas múltiplas meninas com altas habilidades.

Os resultados podem subsidiar a formulação de políticas públicas mais eficazes, o desenvolvimento de programas de identificação e apoio mais inclusivos, e a revisão de práticas pedagógicas que promovam o reconhecimento e o desenvolvimento pleno do potencial de todas as crianças, independentemente de gênero, raça, classe ou deficiência.

Estudos futuros, de caráter empírico (como levantamento de dados em programas de superdotação da UnB ou IFB, e entrevistas com professores), poderiam complementar esta pesquisa, aprofundando a percepção e as experiências concretas no campo.

3. DESIGUALDADE DE GÊNERO E EDUCAÇÃO

A desigualdade de gênero na educação é um fenômeno persistente que influencia diretamente as oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento acadêmico de meninas e meninos. Essa disparidade se manifesta em diversos aspectos, desde as expectativas sobre o comportamento dos alunos até a distribuição de oportunidades e o reconhecimento de habilidades específicas. Apesar dos avanços na igualdade de acesso à educação, ainda há diferenças significativas na forma como meninas e meninos são incentivados a explorar determinadas áreas do conhecimento, bem como na maneira como seu desempenho acadêmico é avaliado e interpretado. Essas desigualdades não são apenas reflexo de diferenças biológicas, mas são construções sociais enraizadas em normas culturais que definem papéis e expectativas para cada gênero.

O conceito de desigualdade de gênero refere-se às diferenças sistemáticas nas condições e oportunidades oferecidas a homens e mulheres em diversas esferas da sociedade. Na educação, essa desigualdade se expressa tanto nos conteúdos curriculares quanto nas interações dentro da sala de aula. Como apontam Cordeiro e Amaral (2019):

A influência cultural que é exercida inclusive no ambiente escolar, tende a reforçar os estereótipos atribuídos aos gêneros feminino e masculino, podendo-se constituir como uma barreira para o reconhecimento e desenvolvimento das habilidades das mulheres. (CORDEIRO E AMARAL, 2019, p.11)

A forma como meninas e meninos são educados reflete expectativas de comportamento e competências que foram naturalizadas ao longo do tempo. Enquanto as meninas são frequentemente incentivadas a desenvolver habilidades relacionadas ao cuidado, cooperação e comunicação, os meninos são estimulados a demonstrar autonomia, assertividade e interesse por desafios intelectuais. Essa diferenciação é visível na maneira como o desempenho acadêmico de cada gênero é interpretado. Meninos são mais frequentemente encorajados a buscar áreas como ciências exatas e tecnologia, enquanto meninas são direcionadas para carreiras ligadas às ciências humanas e sociais. Esse viés influencia diretamente a forma como as crianças percebem suas próprias capacidades e pode resultar na falta de incentivo para que meninas desenvolvam talentos em áreas tradicionalmente vistas como masculinas, como demonstrado por Pérez e Freitas (2012), “Outra barreira interna, comum entre as mulheres, é a atribuição do sucesso ao esforço ou à sorte, enquanto os homens costumam atribuir o sucesso à sua própria capacidade” (p. 684)

A desigualdade de gênero também se manifesta nos materiais didáticos e nas práticas pedagógicas. Estudos apontam que, nos livros escolares, personagens masculinos são

frequentemente retratados em posições de liderança e inovação, enquanto as personagens femininas aparecem em papéis secundários ou relacionados ao ambiente doméstico. Esse padrão reforça a ideia de que certos campos do conhecimento e determinadas profissões são mais adequados para um gênero do que para o outro. Segundo análise de Jane Felipe (1999, p. 173):

A produção de novas identidades sociais, atingindo também a compreensão das crianças pequenas sobre os modos de ser homem ou mulher, merece ser atentamente examinada, especialmente em relação às meninas, que seguem capturadas por esse discurso que determina certo jeito de ser mulher, de ser feminina.

Assim, quando as representações femininas são limitadas a determinadas funções, as meninas podem ter mais dificuldade em visualizar-se em carreiras acadêmicas e científicas de prestígio. Além da questão dos materiais didáticos, a postura dos professores também exerce influência sobre a construção da identidade acadêmica dos alunos. No ambiente escolar meninos tendem a receber mais atenção em disciplinas como matemática e ciências, enquanto as meninas são mais incentivadas a se destacar em leitura e escrita.

Esse padrão pode ser observado nas interações em sala de aula, onde professores, muitas vezes de forma inconsciente, esperam que os meninos sejam mais participativos e questionadores, enquanto as meninas devem ser comportadas e organizadas. Dessa forma, mesmo quando apresentam habilidades excepcionais, muitas meninas acabam não sendo reconhecidas como superdotadas, pois suas características não correspondem ao perfil tradicionalmente associado à genialidade.

Essa realidade é agravada por uma lacuna na própria formação docente. O currículo da licenciatura, muitas vezes, não aborda de forma aprofundada as questões de gênero e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem, reproduzindo estereótipos que limitam a percepção de talentos e as oportunidades de desenvolvimento de meninas.

Beatriz Gatti (2014), em seus estudos sobre a formação de professores no Brasil, aponta para a necessidade de currículos que preparem os docentes para lidar com a diversidade e com as complexas relações de poder que se manifestam em sala de aula. Nessa mesma linha, Guacira Lopes Louro (1997), ao discutir a educação antissexista, argumenta que a escola precisa desconstruir as normatividades de gênero para reconhecer e valorizar todas as formas de inteligência e expressão de potencial, sem aprisionar os estudantes em expectativas pré-determinadas.

3.1 Estereótipos de Gênero e a Produção do Conhecimento em STEM

A influência dos estereótipos de gênero sobre o desempenho acadêmico é um fenômeno amplamente estudado na psicologia e na pedagogia. O conceito de ameaça do estereótipo, proposto por Steele e Aronson (1995), sugere que indivíduos que pertencem a grupos historicamente subestimados podem ter seu desempenho afetado pela ansiedade gerada pela possibilidade de confirmar expectativas negativas sobre suas capacidades. Esse efeito pode ser observado no contexto educacional, onde meninas que internalizam a ideia de que são menos aptas para matemática e ciências podem apresentar um desempenho inferior ao seu real potencial devido à insegurança e à pressão psicológica.

Outro aspecto relevante na discussão sobre desigualdade de gênero e educação é a sub-representação feminina em carreiras de ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM). Desde cedo, meninas são desencorajadas, muitas vezes de maneira sutil, a seguir essas áreas, seja pela falta de modelos femininos inspiradores ou pela ideia de que esses campos exigem habilidades que não se encaixam no perfil feminino. A esse respeito, Hyde e Mertz (2009) demonstram que as diferenças de gênero em desempenho em STEM não são inatas, mas socialmente construídas, desafiando a ideia de uma suposta aptidão biológica superior dos meninos. Essa construção social do talento é reforçada por Márcia Barbosa (UFRGS), em seus artigos sobre gênero na ciência, que evidencia como a cultura científica e escolar, em grande parte, perpetua a invisibilidade e o desencorajamento das meninas em áreas exatas.

Como observa Zambelli dos Reis (2011),

Às desigualdades de gênero, originadas histórica e culturalmente, contribuem para construir barreiras internas e externas que, com frequência, coíbem meninas talentosas de mostrarem todo o seu potencial acadêmico. Certos traços de personalidade, como iniciativa e independência, que poderiam favorecer seu desempenho, tendem a não ser enfatizados. (REIS; GOMES, 2011, p. 507).

Esse fenômeno contribui para um ciclo de exclusão, no qual a ausência de mulheres em determinadas áreas reforça a ideia de que essas carreiras são predominantemente masculinas, afastando ainda mais as meninas que poderiam se destacar nesses campos.

Felizmente, iniciativas e políticas públicas têm surgido para combater essa realidade e incentivar a participação feminina em STEM. Programas como o "Meninas na Ciência" da Fiocruz, experiências com clubes de robótica liderados por meninas, e o projeto "Meninas Velozes" da Universidade de Brasília (UnB), que tem levado alunas do ensino médio para vivências universitárias, representam exemplos concretos de como é possível criar ambientes de estímulo e oferecer modelos inspiradores para essas estudantes. Essas ações visam não apenas despertar o interesse, mas também valorizar e apoiar o desenvolvimento do talento

feminino em áreas historicamente dominadas por homens.

Dessa forma, a desigualdade de gênero na educação não se limita ao acesso ao ensino, mas envolve a forma como o aprendizado é estruturado e incentivado. O reconhecimento das altas habilidades e superdotação também sofre influência dessas construções sociais, tornando-se um reflexo das expectativas de gênero enraizadas na sociedade.

Como aponta Virgolim (2007), a identificação da superdotação deve ir além dos critérios tradicionais, considerando a diversidade de perfis e contextos para garantir que nenhum talento seja negligenciado. Assim, para promover uma educação mais equitativa, é essencial que escolas, professores e políticas públicas adotem medidas para combater esses vieses, criando um ambiente que valorize igualmente o talento de meninas e meninos e permita que ambos desenvolvam plenamente seu potencial.

4. IDENTIFICAÇÃO DE CRIANÇAS SUPERDOTADAS E O IMPACTO DO GÊNERO

4.1 Os Processos Tradicionais de Identificação e Seus Limites

A identificação de crianças superdotadas é um processo fundamental para garantir que esses alunos recebam o suporte adequado para desenvolver plenamente seu potencial. No entanto, essa identificação não ocorre de maneira neutra, sendo influenciada por uma série de fatores, incluindo concepções culturais, modelos educacionais e expectativas de gênero. Mais do que isso, as interseções de gênero com marcadores como raça, classe social e deficiência criam camadas adicionais de complexidade e invisibilidade no reconhecimento do talento.

Meninos e meninas podem manifestar a superdotação de formas distintas, o que impacta a maneira como são reconhecidos no ambiente escolar. Além disso, há evidências de que os métodos tradicionalmente utilizados para identificar altas habilidades possuem viés de gênero, favorecendo a identificação masculina e levando à sub-representação feminina nos programas de atendimento a estudantes superdotados.

A identificação da superdotação geralmente é baseada em testes de inteligência, avaliações de desempenho acadêmico e indicações de professores e familiares. No entanto, esses métodos nem sempre conseguem capturar a diversidade de perfis entre os alunos superdotados. Segundo Renzulli (2004), a superdotação não se limita a um alto QI, mas envolve uma combinação de habilidades acima da média, criatividade e envolvimento com a tarefa.

Apesar dessa ampliação, é crucial questionar quais saberes e formas de inteligência são prioritariamente valorizados por esses instrumentos e pela cultura escolar dominante. Muitos critérios de superdotação ainda privilegiam competências alinhadas a padrões hegemônicos, deixando de fora talentos que emergem de outras racionalidades e contextos socioculturais, como o reconhecimento da inteligência de forma equânime para meninas negras e periféricas.

Dessa forma, um aluno pode ter alto potencial criativo e grande motivação para aprender, mas não se destacar em avaliações padronizadas, resultando em um não reconhecimento de suas habilidades. Esse problema é ainda mais evidente entre as meninas, que frequentemente desenvolvem estratégias para se adaptar às expectativas sociais e podem esconder seu verdadeiro potencial para evitar a rejeição do grupo.

Além disso, os métodos tradicionais de identificação muitas vezes não consideram a diversidade de talentos e formas de expressão da inteligência. Gardner (1983) argumenta que a superdotação pode se manifestar em diferentes áreas, como inteligência musical, espacial, interpessoal e intrapessoal, e não apenas na lógica-matemática e na linguística, que são mais

valorizadas nos critérios tradicionais. Isso significa que muitas meninas podem ter altas habilidades em áreas que não são priorizadas nos testes de identificação, levando à sua exclusão dos programas de atendimento especializado.

4.2 Vieses de Gênero na Percepção e Expressão da Superdotação

A percepção de professores e familiares desempenha um papel crucial na identificação da superdotação. No entanto, pesquisas demonstram que essa percepção é frequentemente influenciada por estereótipos de gênero. Estudos realizados indicam que professores tendem a associar a superdotação a traços tradicionalmente considerados masculinos, como independência, pensamento crítico e liderança.

Como resultado, meninos que demonstram essas características são mais facilmente reconhecidos como superdotados, enquanto meninas que apresentam altas habilidades podem ser vistas apenas como organizadas, esforçadas e disciplinadas, sem que seu verdadeiro potencial seja identificado. Essa discrepância se reflete nos números de encaminhamentos para programas de altas habilidades, nos quais a presença masculina é historicamente superior à feminina.

Outro fator que influencia a subidentificação das meninas superdotadas é a forma como elas expressam suas habilidades. Enquanto meninos superdotados frequentemente apresentam comportamentos desafiadores, questionam regras e demonstram grande curiosidade intelectual, meninas superdotadas tendem a ser mais discretas, evitando se destacar para não parecerem diferentes de seus colegas.

Wechsler (2015) observa que, muitas meninas com altas habilidades acabam adotando um perfil mais reservado, evitando chamar atenção para suas capacidades intelectuais. Esse comportamento pode ser interpretado erroneamente pelos professores como uma característica de dedicação e esforço, em vez de um sinal de altas habilidades, reduzindo suas chances de serem indicadas para programas de superdotação.

A influência do gênero na identificação da superdotação também se manifesta no ambiente familiar. Muitas vezes, os pais interpretam os sinais de altas habilidades de maneira diferente dependendo do gênero da criança. Enquanto comportamentos questionadores e autonomia intelectual são valorizados nos meninos, as meninas podem ser desencorajadas a demonstrar essas características, sendo incentivadas a seguir normas de comportamento que enfatizam discrição e conformidade. Esse padrão pode levar à falta de estímulo para que meninas explorem seu potencial, afetando sua autoestima e suas aspirações acadêmicas e profissionais.

4.3 Consequências da Subidentificação e a Necessidade de Novos Paradigmas

Outro aspecto relevante é a relação entre a subidentificação das meninas superdotadas e sua escolha de carreira no futuro. A baixa representação feminina nos programas de superdotação contribui para a perpetuação da desigualdade de gênero em áreas como ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM). Como observa Zambelli dos Reis (2021), a ausência de modelos femininos na superdotação reforça a ideia de que certas áreas do conhecimento não são adequadas para as mulheres, afastando meninas talentosas desses campos. Dessa forma, a falta de reconhecimento das altas habilidades femininas não apenas impacta a trajetória educacional das meninas, mas também influencia suas escolhas profissionais e sua participação em setores estratégicos da sociedade.

Diante desse cenário, torna-se essencial repensar os critérios e métodos utilizados na identificação da superdotação, garantindo que eles sejam mais inclusivos e sensíveis às diferenças de gênero. Estratégias como a formação de professores para reconhecer diferentes perfis de superdotação, a diversificação dos critérios de identificação e a implementação de políticas educacionais que incentivem a participação feminina em programas de altas habilidades são fundamentais para reduzir essa desigualdade. Apenas com uma abordagem mais equitativa será possível garantir que meninas superdotadas tenham as mesmas oportunidades de desenvolvimento que seus colegas do sexo masculino, promovendo um ambiente educacional mais justo e inclusivo.

5. REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO EM ÁREAS DE CONHECIMENTO E PROFISSÕES: O SILENCIAMENTO DAS MÚLTIPLAS MENINAS

5.1 A Universalização da Experiência Feminina e a Perspectiva Interseccional

A discussão sobre a desigualdade de gênero em áreas do conhecimento, especialmente nas ciências exatas, tecnológicas e engenharias, tem ganhado espaço nos debates educacionais. Entretanto, quando se fala em “meninas”, muitas vezes ignora-se a diversidade presente nessa categoria. A universalização da experiência feminina apaga diferenças fundamentais entre as meninas brancas de classe média e as meninas negras, indígenas, periféricas, com deficiência, trans ou migrantes.

Isso limita a potência crítica de qualquer análise, especialmente em contextos educacionais que buscam identificar, acompanhar e desenvolver estudantes com altas habilidades ou superdotação. É fundamental que a pesquisa e as políticas de superdotação abandonem uma visão monolítica da experiência feminina, reconhecendo que as barreiras ao desenvolvimento do potencial não são as mesmas para todas as meninas.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), mais de 56% da população brasileira é composta por pessoas negras (pretas e pardas). Ainda assim, meninas negras continuam invisibilizadas em programas de superdotação, nos rankings de destaque escolar e nas áreas consideradas “nobres” do saber. Nilma Lino Gomes (2003) aponta que a construção da identidade negra se dá em meio a um contexto histórico de negação, onde a escola tem um papel central na reprodução de uma lógica que associa inteligência à branquitude.

O racismo estrutural, ao não esperar ou reconhecer excelência intelectual em meninas negras, impede que elas sejam vistas como sujeitos de saber. Nesse processo, as práticas pedagógicas se tornam seletivas e excludentes, mesmo que não intencionalmente. A ausência de modelos negros em posições de destaque acadêmico e profissional e a falta de currículos que valorizem saberes ancestrais e não hegemônicos contribuem para que essas meninas não se vejam representadas nos espaços de alta habilidade, minando sua autoconfiança e aspirações.

Para além da raça, o pertencimento à classe trabalhadora também interfere diretamente nas oportunidades de acesso e visibilidade de talentos. Crianças de famílias pobres, que frequentam escolas com menos recursos e menor infraestrutura, tendem a não ter seus

potenciais identificados. A desigualdade econômica não apenas impacta a qualidade da formação, mas molda a forma como professores interpretam o comportamento, a linguagem e os resultados escolares de suas alunas.

A interseccionalidade, como propõe Carla Akotirene (2019), nos obriga a abandonar leituras simplistas e a compreender que gênero, raça e classe operam em conjunto, formando o que ela chama de “avenidas identitárias cruzadas”, onde ocorrem colisões de múltiplas opressões. Essa perspectiva é crucial para entender por que o silenciamento das múltiplas meninas não é um fenômeno isolado, mas um resultado de sistemas de opressão que se sobrepõem e se reforçam mutuamente.

5.2 O Capacitismo e o Apagamento de Múltiplas Inteligências

Nesse contexto, é importante refletir: esperamos que uma menina cega seja superdotada? Esperamos que uma menina autista, cadeirante ou com deficiência intelectual seja reconhecida como portadora de altas habilidades? A resposta mais comum é não. A deficiência ainda é compreendida socialmente como limitação absoluta, e não como diferença. A lógica capacitista que estrutura o imaginário educacional dissocia deficiência de genialidade, inteligência ou autonomia.

Isso revela um apagamento sistemático das múltiplas formas de saber, aprender e se expressar. Além disso, os instrumentos de avaliação ainda não são inclusivos o suficiente para capturar as potências cognitivas e sensoriais dessas crianças. A hegemonia de um modelo de inteligência neurotípica e corporalmente normativo invisibiliza talentos extraordinários que se manifestam de maneiras não convencionais, reforçando a ideia de que a superdotação é um privilégio de corpos e mentes padronizados.

5.3 Estereótipos, Referências e o Silenciamento em STEM e Outras Áreas

Djamila Ribeiro (2017), ao discutir o conceito de “lugar de fala”, destaca que determinadas experiências são historicamente deslegitimadas pelo discurso científico e acadêmico. As vozes das mulheres negras, pobres ou com deficiência são frequentemente colocadas na condição de “objetos de estudo” e não de produtoras de conhecimento.

Esse silenciamento contribui para um cenário em que a excelência acadêmica é racializada, generificada e classista. Em outras palavras, reconhece-se como “gênio” quem se aproxima do ideal branco, masculino, cisgênero, heterossexual e sem deficiência. Essa

construção social da genialidade não apenas exclui, mas também pressiona as meninas a se conformarem a expectativas que as levam a subestimar suas próprias capacidades ou a "esconder" seus talentos para se encaixar em padrões sociais pré-estabelecidos.

A sub-representação feminina — e especialmente negra, indígena e periférica — nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM) é um dos reflexos desse sistema de exclusões. O estereótipo de que “meninas não são boas em matemática” ainda persiste em diversas camadas da sociedade, da escola à família, influenciando a autoestima e o desempenho das estudantes. Esses estereótipos são ainda mais violentos quando direcionados a meninas negras, como mostram estudos recentes sobre racismo e performance acadêmica. Soma-se a isso a ausência de referências: quantas professoras negras de física, química ou engenharia nossos alunos conhecem?

A falta de modelos femininos e interseccionais em posições de liderança e inovação nessas áreas não apenas desestimula as novas gerações, mas também perpetua a narrativa de que esses campos são inerentemente masculinos, dificultando a imaginação de futuros possíveis para as meninas com altas habilidades. Além de STEM, é crucial reconhecer que o silenciamento se estende a outras áreas onde o talento feminino pode ser subvalorizado, como em posições de liderança, certas expressões artísticas ou esportivas, onde estereótipos de gênero limitam o reconhecimento e o avanço.

Felizmente, há políticas e iniciativas que buscam enfrentar essa realidade. Projetos como o *Meninas Velozes*, projeto de extensão realizado na Universidade de Brasília, voltado ao incentivo de meninas em áreas de exatas e tecnologia, têm promovido ações afirmativas para ampliar a presença feminina nos espaços historicamente masculinos. O projeto é realizado nas escolas públicas periféricas de Brasília. Segundo as autoras do projeto:

ações realizadas pelo “Meninas velozes” no ensino médio devessem ser desdobradas, com características próprias, no ensino superior, para que se sintam mais seguras no período universitário e vislumbrem possibilidades futuras de trabalho, especialmente para elas, que são jovens negras de periferia. Almeida et al (2019, p.115)

Contudo, para que essas políticas sejam verdadeiramente eficazes, é preciso garantir que contemplem não só o gênero, mas também a raça, a classe e a deficiência, sob pena de reforçarem o protagonismo apenas de um perfil de menina — geralmente branca, urbana e de classe média. A real transformação passa por uma abordagem interseccional na concepção e

implementação dessas iniciativas, assegurando que elas alcancem e beneficiem a multiplicidade de meninas, e não apenas aquelas que já se aproximam dos padrões hegemônicos de sucesso.

Assim, ao refletir sobre a presença (ou ausência) de meninas nas áreas de conhecimento e nas profissões, é preciso deslocar o olhar para a pluralidade dessas experiências. Como pontua Akotirene (2019), não há feminismo possível sem interseccionalidade. Do mesmo modo, não há política de superdotação verdadeiramente inclusiva que ignore o racismo, o sexismo, o classismo e o capacitismo que estruturam nossa sociedade e nossas escolas.

É necessário tensionar os conceitos, revisar as práticas e escutar as vozes historicamente silenciadas, permitindo que todas as meninas — em sua multiplicidade — possam ser vistas, reconhecidas e valorizadas. A urgência de romper com esses padrões exige um compromisso ativo da academia, das instituições de ensino e dos formuladores de políticas públicas em promover ambientes educacionais que celebrem a diversidade de inteligências e garantam que o potencial de cada menina, independentemente de seu contexto, seja plenamente desenvolvido.

6. DESENVOLVIMENTO E BARREIRAS PARA CRIANÇAS SUPERDOTADAS

6.1 O Cenário de Desenvolvimento e as Primeiras Disparidades de Gênero

O desenvolvimento de crianças superdotadas é um processo complexo, influenciado por fatores individuais, familiares e sociais. Embora essas crianças apresentem habilidades cognitivas superiores, sua trajetória educacional e pessoal pode ser marcada por desafios significativos, especialmente quando questões de gênero entram em jogo. A desigualdade de oportunidades, os estereótipos e a falta de suporte adequado podem impactar diretamente o desenvolvimento socioemocional e as perspectivas futuras desses alunos.

No caso das meninas superdotadas, as barreiras são ainda mais evidentes, uma vez que a sociedade tende a desencorajar a expressão de sua inteligência e a direcioná-las para papéis mais conformistas, limitando seu crescimento acadêmico e profissional. Essa predisposição cultural para moldar o comportamento e as aspirações femininas desde a infância cria um terreno fértil para que o potencial de muitas meninas seja contido, e não expandido.

As diferenças de oportunidades entre meninos e meninas superdotados começam desde os primeiros anos escolares. Apesar de as meninas frequentemente apresentarem desempenho acadêmico superior nos primeiros anos da educação básica, elas são menos incentivadas a se arriscar em desafios intelectuais e a explorar áreas do conhecimento tradicionalmente dominadas por homens.

Essa diferença se reflete na escolha de atividades extracurriculares, nas quais meninos são mais incentivados a participar de olimpíadas de matemática e feiras de ciências, enquanto meninas são direcionadas para atividades que enfatizam habilidades sociais e emocionais.

Essa distinção precoce de estímulos não apenas molda os interesses, mas também a percepção de autoeficácia das meninas em relação a campos 'masculinos', mesmo que elas demonstrem aptidão inata para eles. A ausência de programas educacionais que promovam o envolvimento de meninas superdotadas em áreas desafiadoras desde cedo contribui para a cristalização de estereótipos que limitam o pleno exercício de suas capacidades intelectuais.

6.2 Impactos Psicológicos e Socioemocionais: A Síndrome do Impostor e a Pressão Social

A falta de estímulo adequado impacta diretamente a confiança das meninas superdotadas em seu próprio potencial. O fenômeno conhecido como síndrome do impostor,

que afeta desproporcionalmente mulheres em contextos acadêmicos e profissionais, pode se manifestar desde cedo, levando meninas talentosas a questionarem suas próprias capacidades e a se sentirem menos preparadas do que realmente são.

Como destaca Wechsler (2015), muitas meninas superdotadas internalizam a ideia de que não são suficientemente boas, mesmo quando apresentam um desempenho excepcional, o que pode levá-las a evitar desafios e oportunidades que exigiriam maior exposição.

Esse efeito pode ser agravado pelo fato de que, ao longo da vida escolar, as meninas recebem menos feedback positivo em relação a sua criatividade e pensamento crítico, sendo frequentemente elogiadas apenas por seu comportamento e dedicação. Esse padrão de reforço, que prioriza a "boa aluna" comportada em detrimento da "aluna brilhante e questionadora", inibe o desenvolvimento de traços essenciais para a superdotação, como a assertividade intelectual e a capacidade de inovar.

Outro desafio enfrentado pelas crianças superdotadas, especialmente as meninas, é o impacto da desigualdade de gênero no desenvolvimento socioemocional. Crianças com altas habilidades frequentemente apresentam maior sensibilidade emocional, o que pode torná-las mais vulneráveis a críticas e à exclusão social. Para as meninas, que já enfrentam maior pressão para se adequar às normas de comportamento esperadas para seu gênero, essa sensibilidade pode levá-las a esconder suas habilidades para evitar conflitos ou rejeição.

Como aponta Virgolim (2007), o medo da rejeição social pode levar meninas superdotadas a camuflarem suas habilidades, tentando se adaptar ao grupo e evitar serem vistas como diferentes. Esse comportamento pode comprometer não apenas seu desempenho acadêmico, mas também sua saúde mental, aumentando o risco de ansiedade e baixa autoestima.

Para as "múltiplas meninas" – aquelas que interseccionam gênero com raça, classe ou deficiência –, o peso da pressão social e do preconceito é ainda maior, podendo levar a um sofrimento emocional exacerbado e a uma internalização de estereótipos que as impede de reconhecer e valorizar o próprio potencial.

6.3 Barreiras Familiares e as Aspirações Futuras

Além da influência do ambiente escolar, o contexto familiar também desempenha um papel crucial no desenvolvimento de crianças superdotadas. O suporte familiar é essencial para que esses alunos possam explorar seu potencial sem medo de rejeição ou incompreensão. No entanto, as expectativas familiares sobre o papel da mulher na sociedade ainda afetam a maneira como meninas superdotadas são incentivadas a desenvolver suas habilidades.

Em muitas famílias, espera-se que as meninas sejam equilibradas, modestas e sociáveis,

enquanto os meninos são encorajados a ser ambiciosos e competitivos. Dessa forma, uma menina superdotada que cresce em um ambiente onde seu intelecto não é valorizado pode acabar reprimindo suas capacidades para se encaixar nas expectativas impostas.

Este silenciamento familiar, muitas vezes bem-intencionado mas permeado por vieses de gênero, pode ter um impacto duradouro na autoconfiança e na disposição da menina para buscar desafios intelectuais e profissionais que a afastem dos "papéis tradicionais".

As pressões sociais e familiares também influenciam a maneira como as meninas superdotadas encaram suas aspirações acadêmicas e profissionais. Muitas vezes, elas são desencorajadas a seguir carreiras em áreas de alta competitividade intelectual, como engenharia, física e computação, devido à crença de que essas profissões exigem um perfil mais assertivo e combativo, características tradicionalmente associadas aos homens.

Essa percepção equivocada reforça um ciclo de exclusão, no qual meninas talentosas são afastadas dessas áreas antes mesmo de terem a chance de explorar seu verdadeiro potencial. A ausência de modelos femininos e interseccionais nessas áreas e a falta de discussões francas sobre as oportunidades de carreira para mulheres talentosas perpetuam um imaginário limitante, que impede muitas meninas de visualizarem seu futuro em campos que poderiam revolucionar.

6.4 Subdesempenho Acadêmico e a Necessidade de Apoio Integrado

A falta de reconhecimento do talento feminino e a ausência de um ambiente de apoio adequado podem levar meninas superdotadas a apresentarem um desempenho abaixo de suas reais capacidades, um fenômeno conhecido como sub desempenho acadêmico. Esse problema ocorre quando crianças talentosas não recebem os estímulos necessários para desenvolver suas habilidades e acabam desmotivadas com o ambiente escolar.

Como apontam Reis e Renzulli (2010), o subdesempenho entre alunos superdotados pode ser resultado de uma combinação de fatores, incluindo falta de desafios acadêmicos, ausência de apoio emocional e pressão social para se conformar às normas estabelecidas. Entre as meninas, esse problema é ainda mais acentuado, pois a necessidade de aceitação social pode levá-las a adotar comportamentos que minimizem sua inteligência, evitando se destacar para não parecerem "diferentes" das demais colegas.

Este cenário de subdesempenho não é uma falha da menina, mas sim do sistema que não a reconhece e não a estima, perdendo-se assim talentos que poderiam contribuir significativamente para a sociedade.

Diante desses desafios, é fundamental que a escola e a família adotem estratégias para garantir que meninas superdotadas possam desenvolver plenamente seu potencial sem precisar

sacrificar sua identidade ou bem-estar emocional. Medidas como a criação de programas de mentoria com mulheres que atuam em áreas acadêmicas e científicas, a revisão dos critérios de identificação da superdotação para torná-los mais inclusivos e a promoção de um ambiente escolar que valorize igualmente as habilidades de meninos e meninas são essenciais para reduzir as barreiras enfrentadas por essas alunas.

Como destaca Wechsler (2015), o desenvolvimento das crianças superdotadas não depende apenas de seu talento, mas também do suporte que recebem para transformar esse talento em realização. É crucial que esses programas e estratégias sejam sensíveis à interseccionalidade, garantindo que meninas negras, indígenas, periféricas, com deficiência ou de outras identidades minorizadas recebam atenção específica e personalizada, combatendo as múltiplas camadas de invisibilidade.

Portanto, garantir que meninas superdotadas tenham acesso a oportunidades justas e a um ambiente que valorize suas habilidades não é apenas uma questão de equidade, mas uma necessidade para que a sociedade aproveite plenamente o potencial de todos os seus indivíduos. Para isso, é essencial que educadores, famílias e formuladores de políticas públicas trabalhem juntos na construção de um sistema educacional mais inclusivo, que reconheça e incentive o talento independentemente do gênero.

Somente dessa forma será possível criar um ambiente onde todas as crianças superdotadas possam crescer e se desenvolver sem limitações impostas por estereótipos e desigualdades estruturais. O investimento no potencial das múltiplas meninas superdotadas é um investimento no futuro de uma sociedade mais justa, inovadora e verdadeiramente diversa.

7. ESTRATÉGIAS PARA REDUZIR O IMPACTO DA DESIGUALDADE DE GÊNERO

7.1. Reformulação dos Critérios e Processos de Identificação Inclusivos

A persistência da desigualdade de gênero na identificação e no desenvolvimento de crianças superdotadas exige a implementação de estratégias que promovam um ambiente mais equitativo e inclusivo. Embora as meninas apresentem o mesmo potencial que os meninos para alcançar altos níveis de desempenho intelectual, diversos fatores sociais e culturais dificultam o reconhecimento e a valorização de suas habilidades.

Assim, torna-se essencial a adoção de políticas educacionais voltadas para uma identificação mais justa, a capacitação de professores para reconhecer talentos independentemente do gênero e o fortalecimento da representatividade feminina em áreas do conhecimento tradicionalmente masculinas.

A reformulação dos critérios de identificação da superdotação é um passo essencial para garantir que meninas superdotadas sejam devidamente reconhecidas e atendidas em suas necessidades educacionais.

Atualmente, muitos programas voltados para alunos com altas habilidades ainda utilizam testes de inteligência padronizados como principal critério de seleção, o que pode excluir crianças cujas habilidades não se manifestam de maneira tradicional. O uso exclusivo de testes psicométricos para identificar a superdotação pode levar à sub-representação de determinados grupos, incluindo meninas, minorias raciais e estudantes de baixa renda.

Dessa forma, é fundamental que as escolas adotem métodos mais abrangentes, que considerem múltiplas formas de talento e que levem em conta a diversidade de perfis entre os alunos superdotados. É crucial que a revisão desses critérios incorpore uma lente interseccional, reconhecendo e valorizando o potencial de meninas de diferentes contextos sociais, raciais e econômicos, e com diversas formas de expressão de suas habilidades.

7.2. Capacitação de Professores e Práticas Pedagógicas Equitativas

Além da revisão dos critérios de identificação, a formação de professores desempenha um papel crucial na redução da desigualdade de gênero na superdotação. Muitos docentes não recebem treinamento adequado para reconhecer sinais de altas habilidades em seus alunos, o que pode resultar na perpetuação de estereótipos que favorecem a identificação masculina.

Como observa Wechsler (2015), a percepção dos professores sobre quem é ou não superdotado pode ser influenciada por concepções culturais, levando a um viés inconsciente na indicação de alunos para programas especializados. Para superar esse desafio, é essencial que as instituições de ensino invistam na capacitação de seus educadores, promovendo cursos e materiais que os auxiliem a reconhecer diferentes manifestações da superdotação e a compreender como o gênero pode influenciar a forma como essas habilidades se expressam.

Essa capacitação deve ir além do gênero, abordando também os vieses raciais, de classe e capacitistas, para que os professores estejam aptos a identificar o talento em todas as suas manifestações e em todos os corpos e mentes, combatendo o silenciamento das múltiplas meninas.

A inclusão de práticas pedagógicas mais equitativas também pode contribuir para reduzir o impacto da desigualdade de gênero no reconhecimento do talento feminino. Estratégias como a adoção de metodologias ativas, o incentivo à participação de meninas em competições acadêmicas e científicas e a promoção de ambientes de aprendizagem colaborativos podem ajudar a fortalecer a autoconfiança das alunas superdotadas.

Segundo Reis e Renzulli (2010), o desenvolvimento do potencial dos alunos superdotados depende não apenas da identificação de suas habilidades, mas da criação de um ambiente escolar que estimule sua curiosidade e criatividade. Ao proporcionar um espaço onde meninas superdotadas se sintam encorajadas a explorar seu talento sem receio de julgamento, as escolas podem desempenhar um papel fundamental na redução das barreiras impostas pelos estereótipos de gênero.

É vital que essas práticas considerem a diversidade das experiências das meninas, oferecendo desafios relevantes para cada contexto e estimulando a liderança e o questionamento em todas elas, especialmente as que são historicamente marginalizadas.

7.3. Fortalecimento da Representatividade e Mentoria Feminina

Outra estratégia fundamental para reduzir a desigualdade de gênero na superdotação é o fortalecimento da representatividade feminina em áreas acadêmicas e profissionais tradicionalmente dominadas por homens. A ausência de modelos femininos em carreiras científicas, tecnológicas e matemáticas contribui para a ideia de que esses espaços não são apropriados para as mulheres, afastando meninas talentosas dessas áreas.

Para combater esse problema, é essencial que sejam promovidas iniciativas que visibilizem o trabalho de mulheres bem-sucedidas nessas áreas, seja por meio de palestras, mentorias ou campanhas de valorização da participação feminina na ciência e na tecnologia.

Essas iniciativas devem priorizar a visibilidade de mulheres de diversas raças, classes sociais e com deficiência, oferecendo modelos que reflitam a multiplicidade das meninas e inspirem trajetórias não convencionais.

Programas de mentoria específicos, que conectem meninas superdotadas com profissionais e pesquisadoras que compartilham suas experiências, podem ser cruciais para oferecer suporte, orientação e validação de seus talentos.

7.4. Engajamento Familiar e o Papel das Políticas Públicas

Além das estratégias institucionais, o papel da família também é fundamental no incentivo ao talento das meninas superdotadas. Pais e responsáveis desempenham um papel central na construção da autoestima e da autoconfiança dessas crianças, podendo atuar como agentes de apoio ou, inadvertidamente, como reforçadores de estereótipos limitantes.

Virgolim (2007) destaca que, o suporte familiar é um dos fatores mais importantes para o desenvolvimento das altas habilidades, pois fornece a segurança emocional necessária para que a criança explore seu potencial. Dessa forma, é essencial que as famílias sejam conscientizadas sobre a importância de incentivar suas filhas a perseguirem seus interesses acadêmicos e a acreditarem em suas próprias capacidades, independentemente das expectativas de gênero impostas pela sociedade.

A conscientização familiar deve incluir a importância de romper com os vieses de gênero e outros preconceitos enraizados, incentivando as meninas a questionarem, a se arrisarem e a ocuparem espaços sem medo de serem "diferentes".

O desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a equidade de gênero na educação também se mostra essencial para garantir que meninas superdotadas tenham acesso às mesmas oportunidades que seus colegas do sexo masculino.

A implementação de programas específicos para incentivar a participação feminina em áreas como STEM, a criação de bolsas de estudo para alunas talentosas e a ampliação do número de mulheres em posições de liderança acadêmica e profissional são algumas das medidas que podem contribuir para a redução da desigualdade de gênero na superdotação. Segundo análise da UNESCO (2021), a equidade de gênero na educação não é apenas uma questão de justiça social, mas um fator essencial para o avanço científico e tecnológico das sociedades.

Para que essas políticas atinjam seu potencial máximo, é imperativo que sejam formuladas e implementadas com um olhar interseccional rigoroso, garantindo que não apenas as meninas em geral, mas especialmente as meninas negras, indígenas, periféricas, com deficiência e de outras minorias, sejam o foco central das ações, com recursos e estratégias

direcionados para suas necessidades específicas.

7.5. Um Chamado à Ação por uma Educação Inclusiva

Diante desse cenário, fica evidente que a redução da desigualdade de gênero na identificação e no desenvolvimento das crianças superdotadas exige um esforço conjunto de escolas, famílias, governo e sociedade. A adoção de critérios mais inclusivos de identificação, a capacitação de professores, o fortalecimento da representatividade feminina e a criação de políticas públicas voltadas para a equidade de gênero são passos fundamentais para garantir que meninas superdotadas possam desenvolver plenamente seu potencial. Como enfatiza Wechsler (2015), não basta reconhecer a existência do talento; é necessário criar condições para que ele floresça, independentemente do gênero de quem o possui.

Assim, promover um ambiente educacional mais justo e inclusivo não apenas beneficia as meninas superdotadas individualmente, mas também contribui para o desenvolvimento social e econômico do país, garantindo que talentos valiosos não sejam desperdiçados devido a barreiras estruturais. A superação desses desafios passa pela desconstrução de crenças limitantes e pela implementação de estratégias que permitam que todas as crianças, independentemente do gênero, tenham a oportunidade de alcançar seu máximo potencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desigualdade de gênero na identificação, representação e desenvolvimento de crianças superdotadas é um fenômeno que reflete as construções sociais que historicamente associam a genialidade e a alta capacidade intelectual ao sexo masculino. Embora avanços tenham sido feitos no reconhecimento da diversidade de perfis dentro da superdotação, ainda há barreiras significativas que dificultam o pleno desenvolvimento das meninas superdotadas.

Os desafios enfrentados pelas alunas começam no processo de identificação, no qual os critérios utilizados muitas vezes favorecem perfis tradicionalmente masculinos de expressão da inteligência, como liderança assertiva, pensamento crítico e interesse por áreas exatas.

O fato de muitas meninas superdotadas apresentarem comportamentos mais discretos ou socialmente ajustados contribui para que suas habilidades sejam subestimadas, resultando em uma sub-representação feminina nos programas de atendimento especializado. Este cenário é ainda mais complexo quando se considera a interseccionalidade, na qual raça, classe social, deficiência e outras identidades amplificam a invisibilidade e as barreiras enfrentadas pelas "múltiplas meninas" superdotadas.

Além da dificuldade de identificação, o ambiente escolar e familiar exerce um impacto profundo no desenvolvimento das meninas superdotadas. Enquanto os meninos são frequentemente encorajados a explorar sua curiosidade intelectual e desafiados a superar limites, as meninas podem ser desencorajadas, ainda que de forma sutil, a se destacarem em áreas que exigem grande competitividade e exposição.

O medo do julgamento social, o receio de parecerem "diferentes" de suas colegas e a ausência de modelos femininos de referência fazem com que muitas meninas talentosas minimizem suas habilidades ou evitem seguir carreiras em áreas tradicionalmente masculinas, como ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM).

Esse processo reforça um ciclo de exclusão, no qual a baixa representatividade feminina nessas áreas contribui para a perpetuação da ideia de que esses campos são mais adequados para homens, afastando ainda mais as meninas superdotadas de seu verdadeiro potencial. Este ciclo vicioso é particularmente danoso para as meninas que já enfrentam preconceitos adicionais por sua raça ou condição social, reforçando a ideia de que a genialidade

é um privilégio de poucos e não um potencial inerente à diversidade humana.

Diante desse cenário, fica evidente que a superação da desigualdade de gênero na superdotação exige a implementação de estratégias que promovam um ambiente mais equitativo e inclusivo. A revisão dos critérios de identificação da superdotação, considerando múltiplas formas de inteligência e talento, é fundamental para garantir que meninas com altas habilidades sejam devidamente reconhecidas.

A formação de professores também se mostra essencial nesse processo, uma vez que muitos docentes ainda reproduzem, de forma inconsciente, estereótipos que favorecem a identificação masculina. Além disso, o fortalecimento da representatividade feminina em áreas de prestígio acadêmico e profissional pode contribuir para que meninas superdotadas se sintam incentivadas a explorar seu potencial sem receio de enfrentarem barreiras invisíveis impostas pela sociedade.

Todas essas estratégias devem ser concebidas e implementadas sob uma lente interseccional, garantindo que as ações não se limitem a um perfil hegemônico de menina, mas que alcancem e beneficiem a pluralidade de suas identidades e experiências.

As políticas públicas desempenham um papel crucial na redução da desigualdade de gênero no campo da superdotação. Medidas como a criação de programas específicos para incentivar a participação feminina em STEM, o oferecimento de bolsas de estudo para alunas talentosas e a ampliação do número de mulheres em posições de liderança acadêmica são fundamentais para garantir que meninas superdotadas tenham acesso às mesmas oportunidades que seus colegas do sexo masculino.

A equidade de gênero na educação não apenas contribui para o desenvolvimento individual das alunas, mas também fortalece o avanço científico e tecnológico das sociedades, garantindo que talentos valiosos não sejam desperdiçados devido a barreiras estruturais. A urgência de romper com esses padrões de exclusão exige um compromisso governamental que traduza o discurso da inclusão em ações concretas e orçamentadas, priorizando a valorização do potencial de todas as crianças, especialmente aquelas historicamente silenciadas.

Diante dos desafios e das estratégias discutidas ao longo deste estudo, é possível afirmar que a desigualdade de gênero na superdotação não é um problema isolado, mas sim um reflexo de um sistema educacional e social que ainda precisa avançar na promoção da equidade. O

reconhecimento das altas habilidades deve ser feito de forma ampla e inclusiva, permitindo que todos os alunos, independentemente do gênero, tenham a oportunidade de desenvolver plenamente seu potencial.

Para pesquisas futuras, sugere-se a realização de estudos que aprofundem a análise das experiências de meninas superdotadas no ambiente escolar, investigando como fatores como autoestima, apoio familiar e percepção dos professores influenciam seu desenvolvimento acadêmico e profissional. Além disso, seria relevante explorar estratégias eficazes para incentivar a participação feminina em programas de altas habilidades e em carreiras científicas e tecnológicas, buscando compreender quais intervenções podem gerar maior impacto na redução da desigualdade de gênero nesse contexto.

Recomenda-se, ainda, que futuras investigações empíricas adotem metodologias que captem as nuances da interseccionalidade, coletando dados qualitativos e quantitativos que permitam uma compreensão mais aprofundada das barreiras específicas enfrentadas por meninas negras, indígenas, periféricas ou com deficiência, por exemplo. Assim, espera-se que este estudo contribua para o avanço das discussões sobre a relação entre gênero e superdotação, estimulando a adoção de práticas educacionais mais justas e inclusivas.

Garantir que meninas superdotadas sejam reconhecidas, incentivadas e apoiadas em seu percurso acadêmico e profissional não é apenas uma questão de equidade, mas também um passo essencial para o progresso social e científico. Somente por meio de uma abordagem mais sensível às diferenças de gênero e à riqueza da diversidade será possível criar um sistema educacional que valorize verdadeiramente o talento e a pluralidade, assegurando que nenhum potencial seja negligenciado ou desperdiçado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tânia M. C.; BRASIL, Kátia C. T.; VIANA, Dianne M.; LISNIEWSKI, Simone; GANEM, Valérie. *A passos largos: meninas da periferia rumo à universidade e seus dilemas psicossociais*. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 101–134, maio 2020. DOI: 10.1590/s0102-6992202035010006. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/28305>. Acesso em: 19 jun. 2025

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

BATISTA, Renata M. **A influência do gênero nas expectativas acadêmicas de crianças superdotadas**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

FELIPE, Jane. Entre tias e tiazinhas: Pedagogias culturais em circulação. In: SILVA, Luiz Heron (org.). **Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo?** Petrópolis: Vozes, 1999. p. 167-179.

FREITAS, Soraia Napoleão; PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera. **Altas Habilidades/Superdotação: atendimento especializado**. Marília: ABPEE, 2012.

GAGNÉ, François. **Transformando o talento em superdotação: o modelo diferenciado de dotações e talentos (MDDT)**. São Paulo: EPU, 2000.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GATTI, B. A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 129, p. 883-911, out./dez. 2014.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 679-693, jul./set. 2013.

HARDING, Sandra. **Ciencia y feminismo**. Tradução de Pablo Manzano. Madrid: Ediciones Morata, S.L., 1996.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PNAD Contínua – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**: características gerais dos domicílios e dos moradores, 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022b.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Diretrizes nacionais para a educação de alunos com altas habilidades/superdotação**. Brasília: MEC, 2008.

MOCHI, Luciene C.C.; MAIO, Eliane R. Sala de Recursos em altas habilidades/superdotação: (re)pensando o sexismo e a violência de gênero. *Koan: Revista de Educação e Complexidade*, n.2, p.37-52, 2014.

NEUMANN, Patricia R. Viés de gênero na identificação de meninas superdotadas na educação básica. *Revista Brasileira de Educação*, v. 23, p. 62-78, 2018.

REIS, Sueli G.; RENZULLI, Joseph S. Barreiras para o desenvolvimento do talento: uma análise crítica. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 14, n. 2, p. 200-212, 2010.

RENZULLI, Joseph S. **Sistemas enriquecidos para o desenvolvimento do talento**. São Paulo: Pearson Education, 2004.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SCHIEBINGER, Londa. **Has Feminism Changed Science?**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2001.

TERMAN, Lewis M. *The Measurement of Intelligence: An Explanation of and a Complete Guide for the Use of the Stanford Revision and Extension of the Binet-Simon Intelligence Scale*. Boston: Houghton Mifflin, 1916.

UNESCO. **Women in science: fact sheet**. Paris: UNESCO, 2021.

VIRGOLIM, Angela M. C. **Altas habilidades/superdotação: encorajando o potencial humano**. Brasília: MEC, 2007.

WECHSLER, Solange M. **Criatividade e superdotação: contribuições da psicologia positiva**. São Paulo: Vetor, 2015.

ZAMBELLI DOS REIS, Lúcia. Mulheres na ciência: superando estereótipos e promovendo o talento. **Revista Psicologia & Educação**, v. 22, n. 1, p. 80-92, 2021.